

mente escolares? Entram em consideração as significações desses conteúdos no trabalho escolar e como isso ocorre? Ou melhor, são esses conteúdos, e, nesse sentido, *significativos para as crianças*? Mais ainda, são levadas em conta as significações que as próprias crianças atribuem aos objetos do conhecimento, aos conteúdos? Quais são essas significações? Se realmente as relações inferenciais com base nas significações têm um lugar tão importante na construção cognitiva, como trabalhar na escola com aqueles fatores evolutivos acima citados, para que possa haver essa construção a partir das ditas implicações significantes?

Parece-nos caber a afirmação de que o livro, objeto desta resenha, é marcante na história da epistemologia genética. Na verdade, um desafio como o que ele reabre não é algo ímpar na progressão das investigações de Piaget. Piaget nunca hesitou em reafirmar a necessidade permanente da revisão teórica e de se propor a tal. Em coerência com sua própria proposição, a história da epistemologia genética é um contínuo interjogo de resultados e revisões de hipóteses; um interjogo de momentos de equilíbrio, de síntese, para momentos de desequilíbrio que requerem um novo conjunto de investigações, cujos resultados integram-se aos anteriores, modificando-os. Nessa história, Piaget e sua teoria se fizeram desequilibrar e se deixaram desequilibrar para que novos patamares da construção teórica pudessem surgir.

É assim que vemos a herança deixada em *Vers une logique des significations*. Herança rica em promessa de trabalho, em desafios.

Maria Lucia Faria Moro

OPÚSCULO HUMANITÁRIO

NÍSIA FLORESTA

Introd. e notas de PEGGY SHARPE-VALADARES

São Paulo, Cortez/INEP, 1989

(Série Mulher Tempo, 1).

"É em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos..." "Educa a mulher, e com ela marchai avante na via do progresso." "No Brasil, não se poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado..."

136 anos depois de publicada pela primeira vez, é reeditada a principal obra de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1808-1885), "mulher de muitos nomes e também de muitas vidas" — e que se presta, também, a muitas leituras.

Figura ímpar e controversa num Brasil Império: descasada jovem do marido imposto pelo pai, une-se a companheiro de sua escolha; nascida no Nordeste, vive no Sul, funda um colégio feminino no Rio de Janeiro, acaba passando grande parte da vida adulta na Europa, onde morre; num país em que mal se alfabetizavam as meninas, traduz e publica, aos vinte e poucos anos, a *Vindication of the Rights of Women*, de sua semelhante inglesa — e ainda hoje pouco conhecida — Mary Wollstonecraft; articulista veemente na grande imprensa e diretora de escola "progressista", atrai críticas e calúnias; discípula e correspondente de Auguste Comte, grande leitora, enérgica batalhadora em prol da educação, abolicionista, feminista, defensora dos índios...

Nísia pode ser lida como uma precursora, inconcebível em seu tempo, de lutas e bandeiras que ainda hoje levamos.

Floresta pode ser lida como mulher de seu tempo, expoente de nosso romantismo, exemplo da salada de influências a que se expunham os poucos indivíduos cultos de então, eclética e conservadora, católica fervorosa, defensora da educação moral, re-

ligiosa e cívica, ou mesmo do ensino privado; e, ao mesmo tempo, retratista fiel — e crítica implacável — da mentalidade dominante na elite e no clero de seu tempo.

Brasileira pode ser lida como incansável educadora, crítica do "desprezo hereditário de nossos homens pela educação", da "indigência dos governantes" e da "inaptidão da maior parte dos encarregados do ensino de nossa mocidade"; pesquisadora da história da educação brasileira até sua época, retrata o quadro — desolador — da educação formal e informal, pública e particular dos meados do século passado, quando já constata "o descrédito em que caíram as escolas públicas de instrução elementar, freqüentadas somente, ainda hoje, por meninas a cujos pais falecem os meios de as mandar às escolas particulares"...; mesmo nestas últimas, porém, denuncia o despreparo de seu corpo docente e diretor, a ausência de controle do poder público que permitia a qualquer um, independente de seu grau de instrução, arvorar-se em diretor de escola, criticando também o currículo diferenciado das escolas femininas; pleiteia, para as mulheres, a valorização do trabalho intelectual e — numa elite eminentemente ociosa — a promoção do trabalho manual; e até, ao que parece, cria um método direto de ensino de línguas estrangeiras.

Augusta pode ser lida como feminista pioneira: crítica perspicaz da reclusão e indigência das mulheres das camadas abastadas ("a mulher não foi criada para ser a boneca dos salões"), propõe novos padrões para a educação informal, outro vestuário para permitir a atividade e mobilidade física das meninas, defendendo a necessidade de sua educação física e de "fortalecer-lhes a razão" pelo "hábito de raciocinar" — e, mais ainda, de "inspirar-lhes o sentimento de sua própria dignidade"; deplorando as condições de vida, tanto das escravas quanto das mulheres das camadas inferiores e prostitutas, antevê a constituição de uma "classe pública de operárias", pleiteando a necessidade de opções de inserção ocupacional

para todas as mulheres; com lucidez extemporânea, e apesar de sua fé católica, denuncia "os terríveis abusos que se continuam a cometer procurando catequizar os selvagens", especialmente os abusos sexuais contra as índias; e, ainda, embora valorize o papel feminino da esposa e a fidelidade conjugal, advoga explicitamente o direito da mulher de escolher seu companheiro, e implicitamente seu direito ao divórcio.

Contraditório, controverso, o discurso — e a vida — de Nísia (que não é seu nome de batismo, mas um dos muitos pseudônimos que adotou) não são por isso menos fascinantes, sobretudo se se mantém presente o registro de sua época; para o quê, aliás, deveriam contribuir as informações adicionais de uma edição anotada como é essa. Infelizmente, e esse é o único reparo a essa edição, as notas, de autoria de brasilianista, pouco acrescentam à reflexão e explicitação do texto; o comentário feminista atual o teria sem dúvida enriquecido, assim como a correção de pequenas falhas gramaticais (que não foram corrigidas por uma suposta "fidelidade" ao original, o qual, como se sabe, foi editado numa época em que autores não dispunham das vantagens do *copydesk* e de revisores atuais).

De qualquer forma, não há como atravessar essa leitura sem levantar questões instigantes — até hoje pouco elaboradas — sobre as inter-relações entre a condição feminina e a situação do ensino público, as repercussões da educação informal diferenciada por sexo, sobre a força daquele catolicismo oficial (em que a Igreja tinha poder quase equivalente ao de Estado) na constituição das representações, valores e atitudes, especialmente na conformação de um pensar sobre o feminino; sobre todo um século — ou mais? — de nossa história.

Tina Amado